

A influência e a Importância do Jornal na Cultura Brasileira dos Séculos XIX e XX

Letícia Freitas – Letras UFPE
Disciplina de Cultura Brasileira I¹

“O jornal é uma expressão, um sintoma de democracia; e a democracia é o povo, é a humanidade.” (Machado de Assis)²

Introdução

Tomo como importante antes de chegarmos à sociedade brasileira dos séculos XIX e XX, nos situarmos no nascimento tardio da imprensa brasileira. Ao contrário dos países vizinhos da América espanhola, o Brasil colonial não possuía universidades e era um dos poucos países que não possuía imprensa; situação que só mudará após a vinda e consolidação da família real no Rio de Janeiro no início do século XIX. Isso porque como nos diz Lustosa³ “imprensas, universidades, fábricas – nada disso nos convinha, na opinião do colonizador. Temiam os portugueses deixar entrar aqui essas novidades e verem, por influência delas, escapar-lhes das mãos a galinha dos ovos de ouro que era para eles o Brasil”.

¹ Trabalho proposto pela disciplina de Cultura Brasileira I, ministrada pela professora Anuska Vaz.

² In: COUTINHO, Afrânio (org.). Machado de Assis □ obra completa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959. vol. 3.

³ LUSTOSA, Isabel. **O Nascimento da Imprensa Brasileira** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 7.

A vinda da família real alterou muitas coisas. Além da mudança do status político-econômico do Brasil e a abertura de novos portos que estimularam o florescimento do comércio, fazia-se necessário a partir de então a impressão dos autos do governo e a divulgação de notícias interessantes à coroa.

É interessante consideramos também que os trezentos primeiros anos coloniais concernem uma vida intelectual escassa, com mais da metade da população analfabeta até 1800. Logo, o surgimento da imprensa acarretou inegáveis mudanças na vida e nos costumes da colônia. Sabe-se que até então apenas um quinto da população era alfabetizada, porém, mesmo esse grande de número de pessoas à margem da vida intelectual da colônia não estava imune à influência cultural e educacional dos jornais, pois Segundo Pallares-Burke

Estudos recentes têm mostrado que nos séculos XVIII e XIX o impacto da imprensa foi crescente e passou a atingir um número cada vez maior de pessoas que não sabiam ler. A prática da leitura em voz alta, quer âmbito doméstico, quer no público, era nessa época muito difundida e valorizada. Vista como manifestação de sociabilidade e atributo de pessoa culta e refinada, como atestam os vários manuais da arte da leitura da época, essa prática favorecia também os que anteriormente haviam ficado à margem do universo da escrita. (Pallares-Burke, 1998, p 150.)

Ao passo que o processo de expansão dos países colonizadores avançava com intensas lutas entre si, e o comércio se intensificava, a sociedade europeia instável, suscetível a transformações e mudanças constantes, necessitava de informação. Por isso, o século XVI não apenas marcou uma época de grande receptividade para as notícias, como forneceu matéria-prima informativa suficiente para o aparecimento dos primeiros jornais, as **gazetas**. Um dos primeiros jornais a ser impresso aqui foi a Gazeta do Rio de Janeiro.

O nome “gazeta” está associado à moeda veneziana, que equivalia a quantia paga para se ouvirem as notícias das folhas volantes e dos primeiros jornais em atos de leitura pública. “Esses primeiros jornais, ou gazetas, na sua essência, correspondem a uma evolução do conceito de “livro noticioso” para

uma publicação mais frequente, muito menos volumosa, de menor custo e com notícias mais atuais” (SOUZA, 2008, p 75).

Sabemos que enquanto algumas vertentes do jornalismo europeu aderiam ao projeto iluminista, essas só puderam – apesar das brechas no sistema de censura das metrópoles - ter influência nas colônias américas, após a emancipação delas em relação a Portugal e Espanha.

Assim, tomarei aqui como importantes para a sociedade brasileira de então, as implicações do surgimento de dois jornais: o *Correio Brasiliense* e o periódico brasileiro *O Carapuceiro*.

O Correio Brasiliense

Surgirá neste contexto, em 1808, o primeiro jornal “brasileiro”, o **Correio Brasiliense**, que foi publicado em Londres por Hipólito José da Costa Furtado Mendonça. Jornalista liberal brasileiro, nascido na Colônia do Sacramento, na Cisplatina, atual Uruguai, foi o primeiro jornalista que registrou o grande acontecimento da vinda do rei e sua corte. Hipólito tendo vivido anos nos Estados Unidos da América, e em Londres – onde vivia refugiado por ser envolvido com a maçonaria⁴ – levava consigo o desejo da liberdade cultural da imprensa para o Brasil, liberdade essa que já era há muito desenvolvida nesses outros países.

Então, no início do século XIX surge esse jornal brasileiro com “cara de livro”, curiosamente ainda muito parecido com as gazetas do século XVI. Surge no exílio, com a intencionalidade visível já no nome, pois se chamava então *brasileiros* os comerciantes que faziam negócios no Brasil, *brasilianos* aos índios e *brasilienses* os portugueses nascidos ou estabelecidos no Brasil, que já se consideravam em sua verdadeira pátria. Logo, demonstrava que sua mensagem era para o Brasil, sobretudo para a elite que constituía, ainda no século XIX, a minoria letrada dos brasileiros.

⁴ Julgado pelo Tribunal do Santo Ofício português.

O Carapuceiro

Já O Carapuceiro foi um importante jornal pernambucano que teve como editor e autor o Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama.⁵ O fato de ter sobrevivido durante quinze anos e do grande número de reedição de alguns de seus números em periódicos, afirma a importância que teve para a sociedade pernambucana durante essa época. Assumindo um caráter de jornalismo doutrinário comprometeu-se a preencher o vazio que via na cultura brasileira de então, um formador de opinião pública e atuante. É-nos interessante notar o viés iluminista que chega ao Brasil através desse periódico, pois ele tinha o propósito de exercer uma ação sobre as ideias das pessoas e o Padre Lopez Gama, que descendia de educadores iluministas, via o inegável poder da imprensa em guiar os homens.

Outra coisa que nos é interessante notar é que mesmo trazendo para o Brasil um modelo de jornal inglês, o periódico foi incrivelmente adaptado à realidade brasileira. Conseguiu ter pleno distanciamento para relatar-nos o “nosso gosto por macaquear”, ou seja, toda a abertura da cultura brasileira em assimilar, ou imitar tudo aquilo que vinha das outras culturas.

Sobre isso em certa publicação o jornal chegou a declarar que o povo brasileiro estaria perdendo sua identidade ao passo que ia buscar no estrangeiro um modelo a seguir:

Cada povo tem o seu caráter peculiar, seus usos, seus costumes e certa fisionomia que os distingui dos demais. [...] Qual será o gênio, ou caráter distintivo dos brasileiros? Parece que a nossa divisa é o arremedo: nada temos próprio, tudo queremos macaquear do estrangeiro, não já o que este tem de bom e proveitoso [...] senão as piores coisas, as mais disparatadas e que menos convêm às nossas circunstancias. (1840, n.3, p.2)

Paradoxalmente, Lopes Gama afirma que o ato de macaquear não é necessariamente um mal quando se trata de assimilar o que é “bom e proveitoso”. Ele próprio soube se utilizar de relatos, cartas e reflexões dirigidas a um público não brasileiro (o inglês) para fazer circular questões internas,

⁵ Foi um professor, político e jornalista, diretor dos cursos jurídicos de Olinda, do Liceu do Recife e do Colégio do Órfãos.

como a corrupção dos homens públicos e os insensatos acordos comerciais entre os brasileiros e os franceses e ingleses.

Um exemplo disso é a utilização, muito própria do periódico inglês *The Spectator*⁶ de textos literários que tinham como função denunciar costumes sociais imorais da sociedade atual e levar o público leitor à reflexão. Desta forma, Lopez soube se utilizar de histórias que originalmente eram publicadas para um público inglês para combater, por exemplo, o tráfico de escravos e defender propósitos abolicionistas.

Chegamos então a um dos principais pontos a serem visto neste ensaio. A literatura que circulou nos jornais brasileiros do século XIX e XX e suas implicações para a sociedade da época.

Literatura e Jornalismo

Sabe-se que no Brasil os primeiros jornalistas foram escritores e que o número crescente desses intelectuais no jornalismo se deu devido às oscilações sociais e econômicas do período de transição entre Império e República. Com tais alterações os autores se viram levados à vida política e ao jornalismo. É nesse contexto que surgem os primeiros folhetins, nos qual observamos um importante arcabouço de análise dos costumes e hábitos, assim como o perfil da sociedade da época.

Vemos o surgimento desse gênero folhetim no jornalismo Frances em fins do século XVIII. Essa pequena parte denominada 'petite feuille' ou 'feuilleton', passou a aparecer na parte inferior dos jornais e abordava temas de crítica da arte e ciência, terminando por agregar os textos de ficção a que estamos mais habituados (novelas, contos e crônicas). Assim, se garantia, abaixo da parte superior, na qual se lia sobre história, filosofia e moral, os temas genuinamente nacionais, como os hábitos sociais que se observava na corte.

⁶ Jornal inglês do séc. XVIII que continham todo o modelo seguido por Lopez Gama.

A publicação dos folhetins reflete um momento de ascensão das massas à cultura letrada. Se levarmos em conta a grande percentual de analfabetismo e a crise de leitura de então entenderemos que a história da imprensa do século XIX se confunde com a própria história do povo à leitura. Fazendo uma comparação com os Estados Unidos e os países europeus o desenvolvimento cultural possibilitou um grande crescimento das tiragens dos jornais, pois havia nesses países certa pressão das camadas populares, recém alfabetizadas e ávidas pela leitura. No Brasil, esse novo aspecto de jornal conhecido como jornalismo literário, apesar de exercer importante papel cultural, não penetrou no meio cultural da mesma forma que nesses países, uma vez que não se encontrou aqui o mesmo estímulo de alfabetização do povo.

Porém, foi através desse jornalismo que o meio cultural brasileiro manteve contato com os centros estrangeiros e alcançou novos leitores, pois o século XIX estava marcado por escritores que direta ou indiretamente estavam ligados às críticas e denúncias das contradições sociais. Charles Dickens, na Inglaterra é um importante exemplo de luta contra as precárias condições de vida dos trabalhadores. No Brasil, encontramos nas crônicas e folhetins de Machado de Assis o mesmo tom crítico e analítico da sociedade. O autor em sua narrativa desenvolveu este importante papel de observador e narrou os costumes de festas (os bailes), descreveu os trajes e o costume dos casamentos arranjados. Em *Helena*, romance inicialmente publicado nos folhetins, Machado aponta que as relações de poder e interesses pessoais se perpetuam, pois a sociedade brasileira era rigidamente hierárquica.

No dia seguinte fez-se o enterro, que foi um dos mais concorridos que ainda viram os moradores do Andaraí. Cerca de duzentas pessoas acompanharam o finado até à morada última, achando-se representadas entre elas as primeiras classes da sociedade. O conselheiro, posto não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade, pelas relações adquiridas, cabedais, educação e tradições de família. Seu pai fora magistrado no tempo colonial, e figura de certa influência na corte do último vice-rei.⁷ (ASSIS,1876)

Para além das relações de poder apontadas por Machado, outro aspecto será recorrente em seus romances de folhetins, a figura do agregado nas

⁷ Início do primeiro capítulo do livro *Helena* de Machado de Assis.

casas de famílias abastadas. Ela muito comum na sociedade do século XIX essas relações de troca de favores, uma vez que o modo de produção escravista tirava deste – homens livres – praticamente todas as possibilidades de se chegar produção mercantil. Essa proximidade, quase familiar, era para eles, em muitos casos, garantia de sobrevivência.

Assim, a imprensa passou a dar aos escritores reconhecimento e prestígio político e intelectual. Em uma crônica publicada na *Gazeta de notícias* Bilac comenta

A minha geração, se não teve outro mérito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fez da imprensa literária uma profissão remunerada, impôs o trabalho. Antes de nós, Alencar, Macedo e todos os que traziam a literatura para o jornalismo, eram apenas tolerados: só a política e o comércio tinham consideração e virtude. Hoje, oh! espanto! Já há jornais que pagam versos!⁸

Aqui vale salientar que folhetim e crônica então eram usados indistintamente para classificar o que hoje chamamos de crônica. O termo folhetim designava a seção do jornal ao pé da página que continha assuntos diversos, crônicas e os folhetins propriamente ditos – os romances feitos para serem publicados por capítulos. No Brasil o jornal foi particularmente importante por ser o principal meio de divulgação dessas obras literárias.

A noção, pois, de jornalismo literário foi uma forma de se fazer jornal desenvolvida com a cultura de massa do século XIX, e se caracterizou pela influência dos escritores que trouxeram para as páginas do jornal a crítica à sociedade e aos costumes da época.

Essa participação dos escritores continuará no século XX, porém de forma diversificada. Em fins do século XIX surgirá uma geração essencialmente jornalística, como Joaquim Nabuco, que abrirá o caminho para a separação dos gêneros que se dará ao poucos. A crônica, por seu caráter híbrido se tornará um gênero literário e informativo e ficará como herança.

⁸ In: DIMAS, Antônio (org.). *Vossa insolência: crônicas* / Olavo Bilac. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 56.

Jornalismo e a Sociedade Brasileira do século XX

A crônica se mostra como um lugar que oferece informações sobre o cotidiano das pessoas comuns e sobre o cotidiano das cidades, seus tipos populares, casos típicos, as ruas, anedotas (KLEIN, 2006). O texto curto, efêmero refletia a rapidez do desenvolvimento social do século XX.

O jornalismo nasce da exigência de informação da sociedade. Os homens e mulheres que viveram na sociedade brasileira na virada do século XIX e início do XX experimentarão essa aceleração do tempo. Este sentimento esteve presente nas principais cidades brasileira que, assim como a capital, cresciam e se complexificavam como nunca antes, com suas funções e levas de imigrantes europeus que vinham para o Brasil em busca do sonho parálico de construção desse novo mundo.

O crescimento urbanismo e social acarretou em uma visível transformação das relações sociais, políticas. Até mesmo onde o tempo parecia transcorrer tão lentamente, essas transformações se fizeram sentir. Assim, nas fazendas, vilas e nos sertões do país essa passagem de século se fez sentir. Tais acontecimentos criarão um novo fenômeno de imprensa nas publicações diárias das principais cidade do país. Os jornais passam a publicar em suas colunas notícias de teor sensacionalista, já muito comum na imprensa europeia. Sobre isso Guimarães⁹ nos mostra que

O crescimento das cidades e a maior ocorrência de crimes, por exemplo, dava assunto ao noticiário que cobria o cotidiano. Também conhecidas como *fait divers*, essas crônicas policiais, que também traziam prodígios de todo tipo, eram contadas de modo dramático, por vezes com laivos cômicos, povoando os jornais com cenas violentas ou absurdas. Com essa fórmula, a imprensa, que se torna um empreendimento empresarial à época, tenta atrair leitores. A tradução para o termo seria fatos diversos□, mas normalmente a expressão é usada no original. (Guimarães 2007).

⁹ In: Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX. Ver Referências.

A leitura desses jornais abriam janelas para os dramas da cidade, apresentando cidadãos anônimos nas mais diversas situações dramáticas, como crimes passionais, assaltos e atropelamentos.

Surgirá também então uma narrativa objetiva, direta. A suposta descrição imparcial dos fatos.

Por fim, o jornalista conduziu e atuou durante todas essas transformações ocorridas no Brasil, sobretudo a política, narrando os acontecimentos dos períodos ditatoriais, sofrendo censura e problematizaram os fatos que conduziram o país da ditadura à democracia. Assim, a principal marca e contribuição desse jornalismo para a sociedade de então, foi a paixão política; mediada pelo debate político conduzido pelos principais partidos de maior representação social.

Referências

ARNT, Héris. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: e-papers, 2001.

ASSIS, Flávia Gieseler de. **Visões do agregado em Machado de Assis**. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v.23, n., Jan. 2008.

ASSIS, M. de. **Helena**. São Paulo: W. M. Jackson, 1937.

COUTINHO, Afrânio (org.). **Machado de Assis obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959. vol. 3.

DIMAS, Antônio (org.). **Vossa insolência: crônicas/Olavo Bilac**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 56.

GUIMARÃES, Valéria. **Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 53, jan. 2007.

GONÇALVES, Mariana Couto. **O jornalismo literário no século XIX: a imprensa entre folhetins, crônicas e leitores**. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: conhecimento histórico e diálogo social. Natal, jull.2013.

KLEIN, Ana Inez. **O ensino das crônicas do professor Coruja**. IN: BOEIRA, Nelson. GOLIN, Tau (org.). *História Geral do Rio Grande do Sul: Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p.

LUSTOSA, Isabel. **O Nascimento da Imprensa Brasileira** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

NEVES, M. de S.: **Os cenários da república**. O brasil na virada do século XIX para o século XX. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003, v. 4. P. 14 a 44.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **A Imprensa Periódica como uma Imprensa Educativa no Século XIX**. 1998. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/723/737>